



10º Simposio de Ensino de Graduação

CORPO E CONHECIMENTO: UM PANORAMA CONCEITUAL SOBRE O LUGAR DO CORPO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO OCIDENTAL

Autor(es)

NATALIA PUKE

Orientador(es)

RAIMUNDO DONATO DO PRADO RIBEIRO

1. Introdução

A filosofia apresenta-se como uma forma de conhecimento, cujo referencial é medida racional. Ao valorizar a racionalidade a filosofia desenvolve-se no âmbito conceitual, das ideias, do pensar. Desse modo, embora o saber filosófico construa as bases fundamentais para o campo da prática, é a teoria o principal sustentáculo da sua atividade. Assim sendo, percebe-se que a apreciação dos aspectos abstratos inerentes a faculdade intelectual passa a ofuscar os atributos que estão na esfera do mundo sensível, principalmente no âmbito corpóreo. Observa-se que nos principais pensadores, o corpo é considerado como um dado secundário do processo de conhecimento, aliás, ele fora, para muitos, um entrave no âmbito do saber. É daí que se instaura e prevalece por muitos séculos a noção de dualidade, que consiste pensar o humano dividido em duas instâncias: corpo e alma, corpo e espírito ou corpo e razão. Um sobrevoos na história da filosofia nos permite identificar que esse entendimento se construiu a partir da oposição entre invisível e visível, talvez porque, o termo corpo advindo do latim corpus adquiriu na consciência linguística latina um sentido genérico de designação dos objetos em sua organização sensível, estabelecendo assim, a separação entre animado e inanimado. Desse modo, se atribuiu ao corpo um sentido de oposição a alma, o que veio conotar o sentido de “cadáver”, “defunto” (FONTES, 2004). Apesar dessa mentalidade que deprecia o corpo, observa-se na filosofia contemporânea uma mudança de referencial, principalmente em Merleau-Ponty. Assim, a partir desses pressupostos faremos uma breve viagem a Teoria do conhecimento.

2. Objetivos

O trabalho propõe-se construir um panorama conceitual sobre o lugar do corpo na Teoria do Conhecimento desde a Filosofia Antiga até a Filosofia Contemporânea.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi realizado por pesquisa bibliográfica, considerando também os conteúdos trabalhados nas disciplinas da graduação do curso de filosofia.

4. Resultado e Discussão

A discussão filosófica sobre o corpo começa a tomar forma no pensamento idealista de Platão (1977), que constrói em termos de episteme, a primeira grande dicotomia entre corpo (material) e alma (espiritual e consciente), construindo assim, a representatividade de um homem dual, cujas bases conceituais influenciaram o legado hermenêutico do homem ocidental, fundamentando, sobretudo, a

leitura teológica cristã. No platonismo, a dualidade está na estrutura da realidade que se constitui em dois mundos: “Mundo das ideias” e “Mundo da matéria”. A alma provinda do “Mundo das Ideias” é perfeita, eterna e imutável e responsável pela atividade intelectual. O corpo, por sua vez, ligado ao “Mundo da Matéria” é inferior e efêmero, portanto susceptível aos enganos dos sentidos. Sendo feito de matéria, o corpo é uma cópia distorcida da verdadeira realidade - a ideia -, o que significa o mesmo que dizer que toda a apreciação sensorial e sensações corporais são experiências ilusórias e até mesmo perigosas, capazes de levar o homem a decadência e ao distanciamento do bem. Acerca dessa ótica, o corpo se apresenta como um cárcere ou na metáfora do próprio filósofo, como uma caverna que aprisiona a alma na busca da verdade. Por conta destes aspectos, o conhecimento em Platão não depende da experiência corpórea, aliás, ele é inato, requer o processo de reminiscência, ou seja, o exercício contemplativo de lembrar as ideias impressas na alma. Neste mesmo contexto, Aristóteles (384 – 322 a.C) desenvolve uma teoria epistêmica considerando que o indivíduo e o conhecimento são invariavelmente compostos de matéria (hyle) e forma (eidos) - “a matéria é o princípio de individuação e a forma a maneira como, em cada indivíduo, a matéria se organiza” (ARISTÓTELES apud MARCONDES, 1998, p. 72). Desse modo, matéria e forma são indissociáveis e constituem, portanto, uma unidade, e não mais uma dualidade como inferiu Platão. No que se refere especificamente ao corpo, Aristóteles atribui um adjetivo de instrumentalidade natural que tende a atender a alma (ABBAGNANO, 2007). O corpo enquanto matéria é um princípio potencial para a atualização da alma, porém, é a alma que assegura a sua forma, ou seja, sua especificidade e funcionalidade. Assim, a alma como forma do corpo é também o seu princípio dinâmico e regula todo o seu desenvolvimento. Nesse sentido, o corpo está para a alma, assim como o machado está para o corte, o que ressalta ser o intelecto o aspecto mais elevado do humano e conseqüentemente, a categoria responsável pela sabedoria na moderação da experiência sensível e desenvolvimento ético. Nos desdobramentos do pensamento filosófico clássico, encontramos os filósofos do período helênico. Destacamos nesse período a tendência fundada por Epicuro (1988) que fundamentando-se no atomismo de Demócrito atribui uma materialidade a alma e ao corpo, considerando a correspondência e interdependência entre ambos. Por esses aspectos, na morte haveria a dissolução do aglomerado de átomos que constitui o corpo e a alma e ambos desapareceriam. Sendo a alma intrinsecamente vinculada ao corpo e a materialidade das coisas, sua filosofia anuncia uma atenção ao homem em seu estado imanente, valorizando a corporeidade na construção do conhecimento e do saber ético, que pode ser expresso sinteticamente na economia dos desejos e medos através do equilíbrio intelectual com a natureza. Ao valorizar o âmbito corpóreo sua filosofia foi depreciada e deturpada, principalmente no medievo, passando a designar equivocadamente a uma abordagem hedonística, relacionada ao prazer imediato e fugaz. Nesse percurso histórico, filosofia medieval não apresenta novidades naquilo que se refere ao corpo, uma vez que resgatou, sobretudo, a concepção platônica, persistindo na compreensão de homem dual, cuja definição se constituía nas distinções entre corpo e alma. Neste momento, Santo Agostinho construiu a primeira grande síntese entre a filosofia grega e o pensamento cristão, apresentando corpo como uma danação para o pecado, uma ponte para o maléfico em contraposição as qualidades da espiritualidade divina inerentes a alma. Observa-se uma sutil mudança representativa em meio a emergência da modernidade e das ciências empíricas, onde o corpo passa a ser considerado na sua existência objetiva, enquanto uma natureza a ser desbravada. Em Descartes (2007), sua analogia funcional relaciona-se a uma máquina perfeita independente da razão, cujos atributos estariam para as leis da mecânica. Embora, esse pensador tenha libertado o corpo da noção pecaminosa, conduziu a representatividade de um homem dicotômico, formado pela *res cogitans* e *res extensa*. Para Descartes o corpo enquanto coisa extensa estaria para a natureza e, portanto, nada influiria no processo do conhecimento, visto que a essência do pensar garantiria clara e distintamente o raciocínio correto. Alguns séculos mais tarde os empiristas postulam que todo o conhecimento humano é fundamentalmente derivado da experiência sensível provinda dos sentidos, o que significa dar ao corpo uma atenção razoável. Locke (1999) concebe a alma humana no momento do seu nascimento como uma “Tábula Rasa”, ou seja, é uma folha em branco e não há nada em seu interior até quando se é estabelecida uma relação com o objeto. Essa afirmação desenvolve como uma crítica à noção idealista sobre o inatismo das ideias, presente, tanto no cartesianismo, quanto no platonismo. Ao valorizar a experiência como fonte primordial do conhecimento sua análise teórica migra do dado abstrato para o concreto. Contudo, o autor assenta-se na dualidade epistêmica, na medida em que classifica que todas as ideias derivam de duas fontes de conhecimento - sensação e reflexão. No curso da modernidade, Kant (1983) elabora a fusão conceitual entre o empirismo e o racionalismo, considerando ser o conhecimento uma síntese entre entendimento e sensibilidade. Entretanto, como um dos idealizadores do Iluminismo alemão, Kant assume ser razão a “luz” irredutível de todo o saber, o que veio a suprimir, de certo modo, o corpo na sua integridade facultativa. Ainda no século das luzes, Condillac (1973) construiu a teoria sensualista contrapondo o principal referencial discursivo do período, o que nos permite relacioná-lo aos filósofos subsequentes da Filosofia Contemporânea. O sensualismo valorizou o corpo volitivo, considerando todas as ideias como sensações transformadas, o que significou nesse dado momento, provocar a mutação da identidade do sujeito na modernidade (MONZANI, 1995) que viria abrir o caminho para se pensar as peripécias do conhecimento a partir da vivência corpórea. Nos desdobramentos dessa nova representação, no século XIX enunciando a crise do cogito, Nietzsche (1999) rompe definitivamente com a abordagem da filosofia tradicional, desconstruindo os valores epistêmicos até então hegemônicos. Considerando o homem demasiadamente humano em sua existência corpórea, esse pensador emancipou a filosofia de toda a especulação metafísica, atribuindo ao corpo o status sumo da vontade de potência, que se entende aqui como afirmação da vida. Nesse sentido, não é para uma vida racionalizada que o homem deve voltar-se, mas para a apreciação estética, conduzindo o corpo como uma obra de arte. Pode-se considerar que a inversão de referencial enunciada por Condillac e Nietzsche encontra no século XX, uma sistemática abordagem na fenomenologia de Merleau-Ponty. A maior contribuição da fenomenologia é a ruptura entre os dualismos psicofísicos através conceito de intencionalidade. Este diz que a consciência sempre tende para um alvo e que não há conhecimento alheio à subjetividade, uma vez que não conhecemos o mundo como um dado bruto, mas sim revestidos de significados (ARANHA & MARTINS, 1991), ou seja, o mundo que percebo é um mundo “para-mim”. Merleau-Ponty amplia essa abordagem inferindo que essa particularidade da

consciência se desenvolve no âmbito da percepção corpórea. Nessa ótica o corpo é considerado um truísmo, um locus indubitável de todo o processo de constituição do conhecimento e da subjetividade, uma vez que é tempo, espaço, fala e motricidade. Assim, o corpo é “o veículo do ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 129) onde se mantém intimamente, todas as dimensões da existência, isto é, a relação constante com o Umwelt (meio circundante). Desse modo, o corpo não está separado do mundo, aliás, ele “é feito da mesma carne [...] ele a reflete, e ambos se imbricam mutuamente” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 225). A partir dessa premissa o autor infere que há uma interioridade que se propaga de um para outro numa reversibilidade permanente, o que significa, em certa medida, dizer que o “mundo” está todo dentro e o “eu” está todo fora (MERLEAU-PONTY, 1984). Observa-se assim, que não há dicotomias constitutivas da realidade, pois o homem é participante e atuante íntimo das coisas, um “ser-no-mundo” onde toda experiência e significação só são possíveis porque o corpo se encontra como que atado no tecido da estrutura do mundo.

5. Considerações Finais

Seguindo no percurso da história da filosofia observamos uma valorização da razão e da alma em detrimento das categorias sensíveis, principalmente no idealismo platônico, cartesianismo e kantismo. Apesar de encontrarmos alguma atenção sobre o corpo no decorrer da história do pensamento, mantém-se a representação de um homem dual, formado ou pela matéria e forma ou corpo e pensamento ou sensação e reflexão ou sensibilidade e entendimento. Sobre essas questões, observamos que o embate conceitual na Teoria do conhecimento se desenvolveu nos referenciais construídos pelo idealismo e materialismo, que dizem respectivamente, sobre a sobreposição da ideia sobre o objeto e do objeto sobre a ideia, o que vem a configurar a oposição entre visível e invisível. Contudo, no desenrolar dessas concepções encontramos na perspectiva fenomenologia um nivelamento dessas tensões. Sob esses aspectos, concluímos que nas relações entre sujeito e objeto não se é possível demarcar ou separar onde se inicia e finda a construção da atividade do conhecer, uma vez que esse processo se dá num emaranhado de relações de “um” “com” e “para” “outro” - não se sabe quem toca e quem é tocado, na medida em que a consciência é sempre consciência de alguma coisa e homem é um “ser-no-mundo” e participe intencional do “tapete” do real. Assim, pode-se considerar que antes de toda a especulação metafísica que insiste no imaginário de um mundo transcendente ou categorização dualista da realidade entre intelecto e corpo - somos carne -, e essa é a nossa primeira visibilidade, o campo de batalha onde se atravessam e brotam as dimensões do real cognoscível. Diante disso, sob o olhar de Merleau-Ponty (1996) conclui-se que o corpo se revela como um campo de presença permanente que habita o espaço e o tempo, e no qual, não podemos nos distanciar, observar na sua totalidade ou considerar como um objeto, pois não conhecemos o corpo próprio, apenas o percebemos, ao passo que existimos com ele e não sabemos o que é ser sem ele.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, S. *Confissões*. In: AGOSTINHO, S. *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOCCHI, J. C; FURLAN, R. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. In: *Estudos de Psicologia*. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19966.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2011.

CONDILLAC, É. B. de. *Resumo Selecionado do Tratado das Sensações*. In: *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

EPICURO. *Antologia de Textos*. In: EPICURO. *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

FONTES, J. B. *O Corpo e sua Sombra*. In: SOARES, C. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2004.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. In: KANT, I. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1983.

LOCKE, J. *Ensaio Acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MARCONDES, D. Iniciação à História da Filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. A Natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. A Estrutura do Comportamento. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

_____. O olho e o Espírito. In: MERLEAU-PONTY, M. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MONZANI, L.R. Desejo e Prazer na Idade Moderna. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

NIETZSCHE, F. Sobre a Verdade e a Mentira no sentido Extra-moral. In: NIETZSCHE, F. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. Timeu: Vol. XI. In: PLATÃO. Diálogos de Platão. Belém: Universidade Federal do Pará, 1977.

SILVA, A. M. A natureza da Physis Humana: Indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2004.